

DAS SALAS DE AULA ÀS TELAS: A DOCÊNCIA EM REPORTAGENS DA MÍDIA DIGITAL DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19

Joice Araújo Esperança¹

Resumo: Este artigo apresenta problematizações construídas a partir de uma pesquisa sobre os significados da docência em reportagens da mídia digital durante a pandemia de COVID-19. Fundamenta-se nos Estudos Culturais, em específico nas análises de inspiração Pós-Estruturalista, compreendendo o significado como cultural e socialmente produzido e a mídia como instância produtora de formas de comunicar e de sujeitos. A pesquisa foi operacionalizada a partir da busca on-line de notícias sobre professores(as) e ensino remoto, publicadas na internet entre junho e setembro de 2020. O exercício analítico empreendido levou à identificação de recorrências nos modos de significar a docência durante a pandemia, com destaque para a caracterização da atividade docente, realizada de forma emergencial e improvisada, como um exercício de reinvenção da identidade profissional e a representação da docência em tempos de distanciamento social a partir da ênfase no amor e no afeto.

Palavras-chave: Docência; Pandemia; Comunicação digital; Educação pela mídia.

From rooms to screens: teachers in digital news during the covid-19 pandemic

Abstract: This article presents a research on the meanings of being a teacher in digital news during the COVID-19 pandemic. It is based on Cultural Studies, specifically on Post-Structuralist-inspired analyses, which understands meaning as culturally and socially produced and the media as a producer of ways of communicating and subjects. The research was carried out based on the search for news about teachers and remote teaching published on the internet between June and September 2020. The analysis allowed identifying recurrences in the ways of meaning teachers during the pandemic, with emphasis on the characterization of the teaching activity, carried out in an improvised way, as an exercise in reinvention and representation of teachers based on love and affection.

Keywords: Teachers; Pandemic; Digital communication; Media education.

¹ Universidade Federal do Rio Grande (FURG). E-mail: profajoice@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9153-3555>.

A PANDEMIA DE COVID-19 E A DOCÊNCIA EM PAUTA NA MÍDIA

Neste manuscrito, apresento reflexões construídas a partir de um Projeto de Pesquisa² acerca das representações de docência na mídia. A pesquisa tomou forma no contexto de emergência da pandemia de COVID-19, em razão das condições atípicas que afetaram o trabalho dos(as) professores(as) da Educação Básica.

A pandemia teve início no final de 2019, na China. No Brasil, as medidas de combate à proliferação do coronavírus, como distanciamento social, isolamento e *lockdown*, foram adotadas no início de fevereiro de 2020, levando ao fechamento das escolas e à suspensão das aulas presenciais. Esse cenário exigiu a readequação dos calendários letivos e do planejamento curricular e estratégias para condução do trabalho pedagógico de forma remota foram implementadas.

No transcorrer daquele ano, em decorrência dos desafios educacionais colocados pelo ensino remoto³, observei que as questões relativas à docência assumiram notável visibilidade em espaços da mídia, como telejornais, programas de auditório, entrevista e debate, telenovelas, redes sociais virtuais e atividades on-line, como as transmissões ao vivo pela internet com objetivos instrucionais. Em tom depreciativo, humorístico e melancólico, ou por meio de apelos indignados e de enunciações científicas, o ser

² Trata-se do projeto de pesquisa intitulado “Mídia, consumo e cultura digital: efeitos para a constituição da docência no cenário pandêmico”, o qual focaliza a problematização dos significados de docência produzidos e veiculados durante a pandemia de COVID-19 a partir da análise de artefatos da cultura contemporânea, como reportagens de *sites* da internet, publicações de revistas pedagógicas disponíveis on-line e postagens de redes sociais virtuais.

³ De acordo com Behar (2020), o ensino remoto emergencial (ERE) caracteriza-se pelo distanciamento geográfico entre estudantes e professores, os quais foram impedidos de frequentarem as instituições educativas para evitar a propagação do coronavírus. Além disso, trata-se de uma modalidade de ensino adotada de forma repentina e temporária para viabilizar a continuidade das atividades escolares durante a pandemia.

professor(a) estava recorrentemente em pauta nos meios de comunicação.

A incursão no campo dos Estudos Culturais, em específico as análises de inspiração pós-estruturalista, levou-me a problematizar os materiais da mídia como textos culturais, questionando significados amplamente aceitos e compartilhados sobre a docência durante a pandemia, entendendo-os como resultado de condições históricas particulares. Nas palavras de Silva (2005, p. 123),

O significado não é, da perspectiva pós-estruturalista, pré-existente, ele é cultural e socialmente produzido. Como tal, mais do que sua fidelidade a um suposto referente, o importante é examinar as relações de poder envolvidas na sua produção, um determinado significado é o que é não porque ele corresponde a um “objeto” que exista fora do campo da significação, mas porque ele foi socialmente assim definido.

Por este ponto de vista, a linguagem tem um papel constitutivo e é por meio dela que os significados são produzidos e intercambiados. De acordo com Hall (2016), nós concedemos sentido às coisas pelos modos como as representamos: as palavras que usamos, as histórias que narramos, as emoções que a elas associamos, as imagens que delas criamos... Os significados operam, assim, a partir de códigos compartilhados – regras, convenções sociais, culturais e linguísticas específicas de cada sociedade e historicamente contingentes – organizando e regulando práticas sociais e condutas. Tal entendimento reafirma a importância de examinar os artefatos da cultura, em específico aqueles veiculados nos espaços da mídia, já que, atualmente, essa instância de produção de significados está centralmente envolvida na definição dos modos de vida.

Interessada em problematizar os significados de docência na mídia, passei a selecionar materiais para pesquisa e observei que as reportagens disponíveis na internet assumiam proeminência. Do conjunto de materiais selecionados, as reportagens se destacavam pela constância com que eram publicizadas e devido às estratégias

empregadas para interpelar o público leitor, já que veiculavam informações factuais sobre o trabalho docente, integrando imagens estáticas e em movimento com textos escritos e *hiperlinks*, reiterando e reforçando significados. Ademais, as reportagens apresentavam opções de compartilhamento instantâneo em aplicativos de mensagens e redes sociais, aspecto que ampliava sua repercussão e notoriedade.

Essas constatações, associadas ao entendimento de que a mídia participa da formação dos sujeitos e de que suas imagens e significações se dirigem à educação das pessoas, ensinando-lhes modos de ser e de estar na cultura (FISCHER, 2003), possibilitaram colocar sob suspeita significados acerca da docência produzidos e veiculados na mídia digital. Nessa empreitada, busquei identificar a recorrência de algumas formas de conceber os(as) professores(as) e suas práticas durante a pandemia de COVID-19, problematizando traços, marcas e ênfases constantemente reiterados nas reportagens.

Para problematizar os significados acerca da docência identificados em reportagens da internet, na continuidade deste texto contextualizo as estratégias de pesquisa adotadas. Na sequência, apresento a análise das reportagens, destacando a caracterização da atividade docente, realizada de forma emergencial e improvisada, como um exercício de reinvenção da identidade profissional e a representação da docência em tempos de distanciamento social a partir da ênfase no amor e no afeto. Por fim, destaco a atenção à cultura da mídia nos cursos de Licenciatura como possibilidade de leitura crítica acerca da esfera cultural.

A DOCÊNCIA EM REPORTAGENS DA MÍDIA DIGITAL: ESTRATÉGIAS DE PESQUISA

Ao focalizar a análise de reportagens da mídia digital, esta pesquisa pauta-se na compreensão da mídia como instância “produtora de saberes e formas especializadas de comunicar e produzir sujeitos, assumindo nesse sentido uma função nitidamente

pedagógica” (FISCHER, 1997, p. 61). Assim, a partir do exame dos significados presentes nas reportagens é possível pensarmos sobre as formas como a docência foi definida e percebida pela sociedade durante a pandemia, problematizando formas de controle e regulação de identidades e seus efeitos para o exercício da profissão.

Ao enfatizar a pertinência das análises culturais para a docência, Costa (2006) adverte que a tarefa de vigiar, julgar e regular a conduta do magistério feminino é dirigida por diversas instâncias sociais, uma vez que “não são exclusivamente os sistemas estatais e formais que se ocupam dos desígnios da educação e da regulação e modelagem da docência” (p. 14-15). Nessa direção, a pesquisadora nos convida a examinar os efeitos da “política cultural”, que articula um conjunto de ações, de variados matizes e proveniências, cuja lógica de funcionamento assegura certa direção aos processos históricos. Para Costa (2006), os textos culturais, incluindo o farto material produzido e veiculado pela mídia cotidianamente, praticam uma forma de pedagogia que não apenas subjetiva e governa a conduta das professoras, mas molda as expectativas da sociedade quanto à docência, o que se torna decisivo para a regulação da profissão.

Para a operacionalização da pesquisa, foi realizada a busca online no agregador de notícias do Google, o qual apresenta fluxo contínuo e personalizável de informações. Para os fins do estudo, foram selecionadas as notícias publicadas entre junho e setembro de 2020. Os termos “professor”, “professora”, “pandemia” e “ensino remoto”, foram pesquisados de forma combinada e entre aspas, priorizando-se resultados que contivessem as palavras buscadas. A procura foi realizada em outubro de 2020 e resultou em 68 notícias.

Após os procedimentos de busca, foi realizada a leitura integral das notícias, descartando-se os resultados que não focalizavam a Educação Básica. Com essa análise, foram selecionadas 37 notícias. Na continuidade, o exercício analítico empreendido levou à identificação de recorrências, continuidades, “marcas” prevaletentes

nos modos de significar a docência durante a pandemia. Como estratégia de análise para a escrita deste texto, busquei perscrutar, nas tramas da linguagem e da cultura, condições históricas, mecanismos e práticas em operação na contemporaneidade, relacionando os modos de significar a docência nas reportagens às redes de significado e às relações de poder que os tornaram possíveis.

A “REINVENÇÃO” DO TRABALHO DOCENTE DURANTE A PANDEMIA: ENTRE O IMPROVISO E A INOVAÇÃO

Uma das formas recorrentemente explorada pela mídia ao tratar o tema do trabalho docente durante a pandemia foi a caracterização da atividade dos(as) professores(as), realizada de forma emergencial e improvisada, como um exercício de “reinvenção” da identidade profissional.

Nas narrativas midiáticas aqui examinadas, comumente, enfatiza-se que o fechamento das escolas e o contexto de isolamento social exigiram a “reconfiguração” da prática pedagógica. Tal questão é abordada nas reportagens sob o viés da incumbência pessoal, como se a necessidade de prover as condições para a continuidade das aulas dependesse exclusivamente do esforço, dos recursos e da iniciativa individual dos(as) profissionais da educação.

Uma dessas reportagens, publicada em 11 de julho pela Revista Época, conta a história de uma professora de 59 anos, que ministra aulas em 2 escolas da rede privada de ensino de Duque de Caxias/RJ, e relata produzir os materiais empregados no ensino remoto com o suporte de equipamentos de propriedade e uso pessoal, como é possível visualizar na imagem reproduzida a seguir.



Figura 1 – Captura de tela de tela
Revista Época, 11/06/2020.

Além de empregar o próprio *smartphone* para gravar vídeos sobre os conteúdos das aulas, a professora afirma contar com apoio da filha e de colegas para viabilizar a tarefa de produzir materiais pedagógicos em formato digital. Em 2020, ela tornou-se conhecida no cenário nacional por meio de um vídeo compartilhado no *Twitter*, o qual mobilizou a atenção de cerca de 80 mil usuários da rede social.

O vídeo em questão, tornou pública uma cena em que a professora buscava posicionar o celular para gravar aulas utilizando uma caixa de leite e um saco de feijão como suportes.

Dentre os vários elementos a serem problematizados a partir dessa história, contada sob os holofotes da mídia e a partir do olhar seletivo de jornalistas e editores, destaco um fato em particular: em nenhum momento as condições precárias de trabalho da professora, que desenvolve sua atividade profissional de modo improvisado e com recursos próprios, são alvos de crítica ou de questionamento. Num dos trechos da reportagem menciona-se que nem todos(as) os(as) docentes possuem os equipamentos necessários para as demandas do ensino remoto e que nesse cenário “a criatividade é fundamental”. Sob tais circunstâncias, a professora é apontada como uma profissional exemplar, já que, diante da falta de um quadro branco, também adaptou a porta do armário para ensinar gramática aos alunos e viabilizar a gravação de uma videoaula.

A naturalização das condições precárias de trabalho docente e o desprestígio social que afeta a carreira, o qual se expressa por meio da aviltante desvalorização salarial do professorado, conectam-se às históricas vinculações entre o gênero feminino e a docência. Conforme Costa (2006), a partir da segunda metade do século XIX a feminização do corpo docente primário começa a delinear-se no conjunto das sociedades ocidentais, atendendo às demandas de escolarização e instrução necessárias ao futuro das nações. Nessa conjuntura histórica,

A escolarização fundamental como obrigação do Estado e direito inalienável das crianças e jovens expande um campo de trabalho proclamado como adequado e recomendável aos contingentes femininos. São preceitos culturais tipicamente patriarcais e moralistas que contribuem para direcionar as mulheres ao trabalho docente. Discursos religiosos, biológicos e pedagógicos articulam-se nesse mesmo sentido, a ponto de naturalizar a docência como “trabalho de mulher”. [...] Ainda hoje, por exemplo, as reações desfavoráveis da população em geral

face às greves e ao movimento docente por melhores salários e condições dignas de trabalho podem ser atribuídas aos resquícios dessa concepção de que magistério é sacerdócio e professoras não deveriam trabalhar por remuneração, mas por amor e doação às crianças (COSTA, 2006, p. 9-13).

As reminiscências e os efeitos das representações do magistério como doação e sacerdócio, também podem ser problematizados a partir de outro conjunto de reportagens que colocam em destaque a aclamada necessidade de reconfiguração da prática docente durante a pandemia. Esse segundo repertório de textos da mídia reverencia a inventividade e a motivação das professoras que atuam no contexto on-line, exaltando a criatividade docente sob outro viés: já não se trata de improvisar ou de buscar alternativas emergenciais ou repentinas para colocar o ensino remoto em prática. Pelo contrário, as profissionais que protagonizam tais reportagens são apresentadas como modelos a serem seguidos porque assumiram o desafio de reinventar o planejamento, de recriar a forma de dar aulas e porque foram capazes, a despeito de todas as dificuldades impostas pela pandemia, de formularem estratégias de ensino criativas e inovadoras a partir de seus próprios recursos.

AMOR À EDUCAÇÃO

Professora fortalece vínculo com alunos realizando divertidos vídeos na pandemia

Camila Turcato Garcez, de 30 anos, não deixou a pedagogia usada em sala de aula no isolamento social e colocou a criatividade para fluir

09/07/2020 às 17:50 | Atualizado em 09/07/2020 às 19:05



Aliando didática, Camila Turcato Garcez produz vídeos bem editados que contam histórias divertidas (Foto: Reprodução redes sociais)

Figura 2 - Captura de tela
Portal da Cidade, 09/07/2020.

Como exemplo, focalizo a reportagem publicada pelo *site* Portal da Cidade, a qual destaca a história de uma professora de 30 anos. A notícia esclarece que o município optou pela adoção de apostilas para a condução do ensino remoto, dispensando a obrigatoriedade das aulas on-line, o que impossibilitou o contato entre crianças e docentes. Diante disso, a professora, por iniciativa e esforço pessoais,

passou a produzir vídeos em que, conforme enfatiza a reportagem, “coloca a criatividade para fluir”, a fim de fortalecer os vínculos afetivos com as crianças da Educação Infantil.

Note-se que esse texto cultural narra a história de uma jovem professora, capaz de produzir materiais didático-digitais de forma autoral, dispensando a ajuda ou o suporte de outrem. Na legenda da imagem presente na notícia, os vídeos elaborados pela docente são enaltecidos, sendo descritos como “bem editados”. Além disso, a legenda da foto coloca em evidência o caráter divertido das histórias contadas nos vídeos, sinalizando o suposto talento da professora para comunicar-se com as crianças por intermédio das tecnologias digitais.

Importa ainda salientar que em reportagens como essa a criatividade mencionada para caracterizar o trabalho das professoras é exaltada sob o enfoque da inovação pedagógica, sinalizada como demanda imposta pelo ensino remoto. Assim, se os(as) docentes que empregam as tecnologias a partir de improvisações e de soluções repentinas são descritos(as) como virtuosos(as), os(as) professores(as) capazes de desenvolver formas de ensinar por meio das mídias digitais consideradas “inovadoras” também são apresentados(as) como profissionais exemplares e inspiradores(as).

Entretanto, nenhuma das reportagens analisadas apresenta argumentos que justifiquem a pertinência e a efetividade das referidas estratégias didáticas – descritas como criativas e inovadoras – para a aprendizagem das crianças. Portanto, nos artefatos aqui problematizados, aspectos concernentes aos saberes constituintes da identidade profissional docente (GAUTIER, 1998; TARDIF, 2000) não são sequer mencionados, seja de forma pontual ou a partir de explicações leigas. Nessas narrativas, o caráter inovador das práticas pedagógicas se resume à confecção e ao emprego de materiais lúdicos, como fantoches e trajes para a dramatização de histórias, ou à produção de vídeos enaltecidos por serem “divertidos” e capazes de

“prender a atenção das crianças” diante das telas. Na reportagem focalizada acima, por exemplo, “a didática aliada aos vídeos” é atrelada à qualidade da edição das produções audiovisuais e ao seu viés de entretenimento, sugerindo-se que tal forma de abordagem diferencia-se das metodologias entediadas e obsoletas comumente presentes nas salas de aula.

Na próxima seção, detenho-me em outro elemento que perpassa os textos culturais examinados: o amor à educação e às crianças em tempos de distanciamento social. Entretanto, esse tema é abordado e explorado com maior intensidade nas reportagens que retratam as práticas de professoras da Educação Infantil, aspecto que passarei a problematizar nas linhas que seguem.

A DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: AMOR E AFETO EM TEMPOS DE DISTANCIAMENTO SOCIAL

Ao lançar-me ao desafio de problematizar os sentidos produzidos e reproduzidos nos espaços da mídia acerca da docência durante o período de pandemia, identifiquei algo insistentemente narrado nos títulos, nas manchetes, nas legendas, nas “chamadas” que buscavam convocar internautas ao acesso e à leitura das reportagens aqui problematizadas: a associação entre o magistério e o amor.

Essa justaposição entre magistério e amor não é um tema novo no campo pedagógico, mas ainda é preciso problematizá-lo, tendo em vista as expectativas depositadas pela sociedade nas instituições de Educação Infantil e o imaginário coletivo construído acerca dos(as) professores(as) que se ocupam dos processos formativos dirigidos às crianças pequenas. Assim sendo, muitos artefatos da cultura, como as produções cinematográficas, as obras literárias, as peças publicitárias, os textos jornalísticos, dentre outros sistemas de significação em operação na contemporaneidade, contribuem para fixar a identidade da professora afetuosa, carinhosa, paciente e dotada de um atributo que passa a ser percebido como intrínseco às mulheres e que supostamente as capacitaria para o exercício da profissão: “gostar de crianças”.



Nessa direção, uma reportagem divulgada no portal do jornal O Tempo, de Belo Horizonte/MG, retrata a estratégia construída por familiares de crianças da Educação Infantil para viabilizar a manutenção do vínculo afetivo com a professora, diante do contexto de isolamento social. As famílias construíram algo como uma cortina de plástico, sustentada por canos de PVC, nomeada como “cortina do abraço”. O texto da notícia acrescenta a ressalva de que crianças e professoras usavam máscaras e que a cada abraço o instrumento era cuidadosamente higienizado, prevenindo eventuais riscos de contaminação.

Pais criam ‘cortina do abraço’ para filhos reencontrarem a professora em Minas

A peça foi feita com plástico e pedaço de cano de PVC; por meio dela, a educadora teve contato indireto com as crianças

Por NATÁLIA OLIVEIRA

Siga pelo twitter @otempo

Qua, 03/06/20 - 16h57



Crianças e professora se abraçam por meio de cortina de proteção

Figura 3 - Captura de tela
O Tempo, 03/06/2020.

A notícia privilegia uma abordagem fortemente emocional: destaca a saudade sentida por crianças e professora devido ao distanciamento social e ressalta a relevância de as crianças terem a possibilidade de “abraçar a professora que tanto gostam”, por meio da “cortina do abraço”. No vídeo que integra a reportagem, são

retratadas algumas cenas em que a professora chora copiosamente ao ver as crianças e estabelecer contato físico com elas através da cortina, na qual identifica-se a seguinte inscrição: “o melhor lugar do mundo é dentro de um abraço”. Nesse ponto, cabe questionar: por que os materiais da mídia que circularam em tempos de pandemia, ao tratarem da docência voltada para as crianças pequenas, recorreram, insistentemente, aos significados de saudade, afeto e amor? Por que nos emocionaram e nos interpelaram de modo tão eficaz, a ponto de nos fazerem suspender o exercício da crítica?

O movimento analítico assumido neste texto nos leva a questionar o caráter social e culturalmente produzido dos significados e a problematizar as relações de poder envolvidas na sua construção (SILVA, 2006; HALL, 2016). Recorrendo aos estudos de Fischer (2003) sobre mídia e produção de sentidos, é possível questionar a emoção evocada pela história contada na reportagem em sua relação com as práticas culturais e históricas que circulam na vida social e que estão articuladas à modelagem das representações de docência numa determinada época, pois a mídia não opera isoladamente na fixação de alguns sentidos que forjam as identidades.

Sob tais circunstâncias, suspendemos o exercício da crítica, nos comovemos com a história da professora saudosa e carinhosa, pois esses modos de significar o trabalho docente operam em conjunto com outras formações discursivas na naturalização da ideia de que o envolvimento afetivo-emocional é o principal elemento que credencia essa profissional para o seu exercício laboral. Foi o que constatou Alves (2006), em pesquisa realizada com professoras-pedagogas que atuavam em instituições de Educação Infantil. A pesquisadora buscou compreender os significados atribuídos à profissão e ao trabalho cotidiano sob a ótica das professoras e chegou à constatação de que, para as participantes da pesquisa, o trabalho docente requeria, primeiro e prioritariamente, o amor às crianças e à profissão. Além disso, dentre as principais características

empregadas para caracterizar a docência na Educação Infantil, as professoras destacaram: simpatia, carinho, paciência, criatividade, tranquilidade e capacidade de acolhimento das crianças, com ênfase nas qualidades pessoais e na afetividade para as relações educativas e profissionais (ALVES, 2006).

A pesquisa realizada por Alves (2006) é produtiva para refletirmos sobre nossa implicação, enquanto categoria docente, na constituição e na naturalização das redes de significados que afetam a identidade e o trabalho das professoras. Ao reproduzirem regularidades discursivas sobre a docência, vinculando-a, prioritariamente, a aspectos como amor, afeto, doação, devoção, vocação e aptidão para lidar com crianças, as professoras reiteram atributos que funcionam como verdades na condução e na regulação da docência, concorrendo para a desvalorização da profissão. E ainda que a ação pedagógica na Educação Infantil envolva o educar e o cuidar, a pandemia parece ter evidenciado a pouca bagagem acadêmica nesse campo e também muitos preconceitos (BARBOSA e GOBATTO, 2021).

A associação entre magistério e amor, fortemente explorada a partir do acontecimento narrado na reportagem acima, também é reforçada no tratamento dirigido à professora, designada como “Tia”. Na história contada pela mídia, destaca-se que a surpresa planejada pelas famílias das crianças, além de emocionar, levou “Tia Meyre” às lágrimas. A referência semântica à emoção e ao sentimento também se explicita nas reações da professora, ao afirmar: “Eu quase morri de felicidade” e “Foi uma das coisas mais emocionantes que aconteceu na minha vida”.

A designação das professoras de Educação Infantil como “Tias” e a correlação entre magistério, afeto e amor também pode ser problematizada a partir de outra reportagem, divulgada pelo portal de notícias g1, da Central Globo de Jornalismo.

Professores visitam alunos em 'carreata' e ato emociona: 'Quando eu vi a tia, lembrei da escola'

Atitude dos professores, de escola da zona rural de Teresina, diminuiu um pouco a solidão e a saudade das aulas presenciais, suspensas desde março, explicou pedagoga. Yann, de 5 anos, adorou ideia e até fez desenho.

Por Glayson Costa*, G1 PI — Teresina

09/06/2020 15h43 - Atualizado há 2 meses

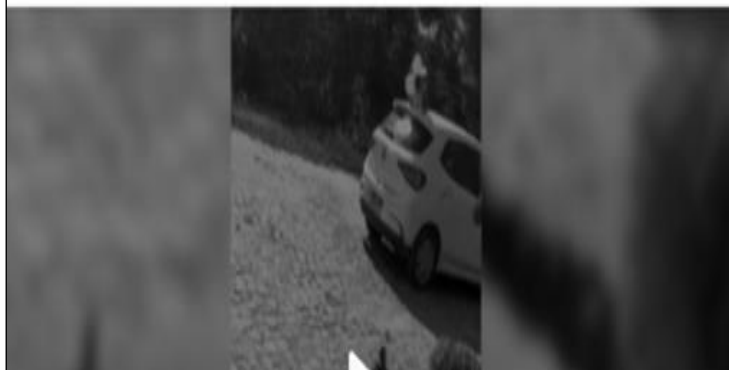


Figura 5 - Captura de tela Portal g1, 09/06/2020.



Figura 6 - Captura de tela Portal g1, 09/06/2020.

A reportagem narra a ação planejada por um grupo de professores(as) de uma instituição de Educação Infantil, localizada na zona rural de Teresina/PI. A ação consistiu na realização de uma carreata, cujo percurso contemplou os locais de moradia das crianças, a fim de mobilizar as famílias para o início das aulas remotas. A reportagem enfatiza que mesmo a distância, a reação das crianças “emocionou familiares e professoras”, “trazendo alegria aos pequenos estudantes”, já que “a visita diminuiu um pouco da solidão e da saudade”.

As imagens reproduzidas na reportagem, que retratam balões coloridos, cartazes com mensagens motivacionais e corações de papel que adornam os veículos, evidenciam que a proposta tinha como foco o restabelecimento dos vínculos afetivos entre professoras e crianças, tendo em vista os efeitos do distanciamento social. Ademais, ao significarem o ato planejado pela escola e viabilizado pelas professoras, familiares e cuidadores(as) das crianças

destacam que a carreata demonstra “a preocupação da escola” e o “comprometimento” da instituição e das docentes com as crianças.

Ao problematizar a correlação entre magistério e amor e seus efeitos para a constituição da profissão docente, Alves (2006) adverte que esta justaposição de significados tem implicações para o desprestígio e a desvalorização da profissão, sobretudo porque encontra-se nessa concepção um forte laço com a imagem social da mulher. Nas palavras da pesquisadora:

Não foi por acaso que as mulheres tiveram ampla aceitação na profissão docente: afinal, o ser feminino abnegado e puro é a pessoa mais adequada para assumir a profissão de fé do sacerdócio do magistério! Essa imagem feminina colaborou para a desvalorização social da mulher, da mesma maneira que a concepção de magistério como dom, como vocação, justifica o desprestígio das professoras e da docência em educação infantil como tarefa de *tios e tias*, que poderia ser exercida por qualquer pessoa, desde que tenha amor, boa vontade e afinidade com crianças pequenas (ALVES, 2006, p. 9-10).

Se prestarmos atenção aos elementos que aproximam as duas reportagens examinadas nesse ponto do texto, perceberemos que as professoras são nomeadas como “Tias” e que os acontecimentos narrados são marcados pela convergência entre os espaços público (a escola) e o privado (o lar, a família): a “cortina do abraço” é levada até a casa da professora; a carreata desloca-se até as residências das crianças. Assim, se as crianças não podem frequentar a escola, o afeto e o amor, intrínsecos a ação de ensinar, mobilizam e viabilizam o encontro entre professoras e crianças em tempos de pandemia. O estudo de Costa e Silveira (1997), citado por Fabris (2005), ressalta que a estratégia de associar a afetividade às mulheres que ensinam operou como uma estratégia histórica que as manteve distantes das instâncias que detêm o controle social e, assim, estimulou sua presença numa esfera com profundos vínculos com o mundo



doméstico, privado, atrelando e submetendo a construção de suas identidades sociais às políticas neoconservadoras.

Na próxima seção retomo os principais argumentos desenvolvidos neste texto, apontando questionamentos e desdobramentos para futuras análises.

A ATENÇÃO À CULTURA DA MÍDIA NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES(AS)

Concluo a escrita deste texto ressaltando que os textos da mídia analisados abordam significados sobre a docência em tempos de pandemia a partir de elementos intercambiáveis, conduzindo à identificação de algumas regularidades discursivas. Assim, as formas prevalentes de narrar o magistério durante o primeiro ano de fechamento das escolas reatualizam o repertório de representações, constituídas no contexto da história e da cultura, sobre a identidade profissional dos(as) professores(as).

Dessa perspectiva, foi possível problematizar a suposta “reinvenção” do trabalho docente durante a pandemia a partir de dois enfoques: o do imprevisto e o da inovação. Num primeiro sentido, sugere-se que as condições precárias de trabalho dos(as) professores(as) potencializam a criatividade, movimento que os(as) conduz a soluções atenuantes, mas eficazes. Outro modo de abordar a “reinvenção” da docência no período de suspensão das atividades presenciais nas escolas enfatizou a inovação: as jovens professoras, que cresceram no contexto da cultura digital, são retratadas como capazes de desenvolver formas divertidas de ensinar e estratégias didáticas consentâneas com os avanços tecnológicos e suas funcionalidades interativas.

Nesse contexto, enfatizam-se saberes pragmáticos e instrumentais alinhados às demandas neoliberais, o que pode resultar numa forma de “edutenimento”, abordagem descrita por Buckingham (2010) como a associação híbrida de educação e

entretenimento e que se baseia no forte apelo visual, nos formatos semelhantes aos *games* e em estilos mais espontâneos e menos didáticos de aprendizagem.

A análise das reportagens também encaminhou a problematização da docência em correlação com os sentimentos de amor e afeto, os quais assumiram proeminência em tempos de distanciamento social. A identidade da professora afetuosa e amorosa é constantemente enaltecida nos espaços da mídia, ao mesmo tempo em que contribui para o desprestígio da profissão, pois o envolvimento afetivo-emocional com as crianças tende a ser abordado como antagônico à formação científica e à competência profissional das professoras (ALVES, 2006).

Outro aspecto que sobressai nos textos culturais analisados refere-se à crença na tecnologia como solução para os complexos problemas educacionais de nosso país. Assim, a celebração da tecnologia digital durante o período de ensino remoto emergencial reatualizou princípios tecnicistas que interpelam os(as) professores(as) como consumidores(as) vorazes de conteúdos simplificados e prescritivos, que pautam formas corretas, esperadas e desejáveis de ensinar. Em tempos hipermodernos (LIPOVETSKY, 2004), os saberes instrumentais podem ser produzidos, acessados e compartilhados em *posts* e em vídeos rápidos e curtos de redes sociais virtuais, que reúnem diversos recursos para “engajar audiências”. Sob essa ótica, a experiência docente na internet assemelha-se ao fazer dos profissionais do *marketing* digital e pode envolver até mesmo a comercialização de planejamentos e materiais didáticos.

A partir dos modos de significar a docência identificados nas reportagens examinadas, encaminho alguns questionamentos, capazes de mobilizar profícuas reflexões a serem contempladas em textos futuros. Sendo assim, pergunto: os(as) professores(as) que, supostamente, se reinventaram durante a pandemia possuem as

mesmas condições de acesso e uso das tecnologias digitais? Como as desigualdades entre professores(as) (des)conectados(as) afetaram a condução do trabalho pedagógico no período da pandemia? Os(As) professores(as) que se encontram em distintos estágios da carreira enfrentaram os mesmos desafios impostos pelo ensino remoto? E quanto às formas como a mídia e a sociedade em geral tendem a significar as condições de trabalho dos(as) professores(as), enaltecendo o mérito pessoal diante da falta de infraestrutura para o trabalho nas escolas e da desvalorização salarial do professorado?

Acredito que a atenção à cultura mídia nos cursos de Licenciatura seja capaz de potencializar a leitura crítica acerca da esfera cultural, instigando o repensar de significados sobre a docência em processos formativos que problematizem desafios, dilemas e tensões educacionais de forma plural e socialmente situada.

REFERÊNCIAS

ALVES, Nancy Nonato de Lima. “Amor à profissão, dedicação e o resto se aprende”: significados da docência em Educação Infantil na ambiguidade entre a vocação e a profissionalização. In: Reunião Anual da ANPED, 2006. Caxambu. **Anais eletrônicos**. Rio de Janeiro: ANPED, 2006.

BARBOSA, Maria Carmen Silveira; GOBBATO, Carolina. Tópicos para (re)pensar os rumos para a educação infantil (pós)pandemia. **Zero-a-Seis**. Florianópolis, v. 23, n. 44, p. 1422-1448, jul./dez., 2021.

BEHAR, Patricia Alejandra. O ensino remoto emergencial e a educação à distância. 2020. **UFRGS, Jornal da Universidade**. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/coronavirus/base/artigo-o-ensino-remoto-emergencial-e-a-educacao-a-distancia/>. Acesso em: ago. 2023.

BUCKINGHAM, David. Cultura Digital, Educação Midiática e o Lugar da Escolarização. **Educação & Realidade**. Porto Alegre, v. 35, n. 3, p. 37-58, set./dez., 2010.

COSTA, Marisa Vorraber. O magistério e a política cultural de representação e identidade. In: BICUDO. Maria Aparecida; SILVA JÚNIOR, Celestino.

(Orgs.). **Formação do educador e avaliação educacional**. São Paulo: Unesp, 1999.

COSTA, Marisa Vorraber. O magistério na política cultural – identidade, discurso e poder. In: COSTA, Marisa Vorraber (Org.). **O magistério na política cultural**. Canoas: Ed. ULBRA, 2006.

FABRIS, Eli. **Em Cartaz** – O cinema brasileiro produzindo sentidos sobre escola e trabalho docente. Porto Alegre, UFRGS, 2005, 250 p., Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. O estatuto pedagógico da mídia: questões de análise. **Educação & Realidade**. Porto Alegre, v. 22, n. 2, p. 59-80, jul./dez.1997.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. **Televisão e educação: fruir e pensar a TV**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

GAUTHIER, Clermont. Ensinar: ofício estável, identidade profissional vacilante. In: GAUTHIER, Clermont et al. **Por uma teoria da pedagogia: pesquisas contemporâneas sobre o saber docente**. Ijuí: Unijuí, 1998.

HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, Apicuri, 2016.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia – estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno**. São Paulo: EDUSC, 2001.

LIPOVETSKY, Gilles. **Os Tempos Hipermodernos**. São Paulo: Editora Barcarolla, 2004.

SILVA, Tomaz Tadeu. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **O currículo como fetiche: a poética e a política do texto curricular**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis: Vozes, 2000.

Recebido em 11 de junho de 2023.

Aprovado em 25 de agosto de 2023.